

**O turismo que se tem e o turismo que se quer: discursos e significados a propósito
do turismo na Vila do Abraão - Ilha Grande (Angra dos Reis, RJ)¹**

Teresa Cristina de Miranda Mendonça²

Professora do Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
(IM/UFRRJ)

Resumo:

A Ilha Grande apresenta um acontecimento que marca a sua história, em especial a história da Vila do Abraão – a intensificação do fluxo turístico após a implosão do Instituto Penal Cândido Mendes em 1994 que intervém na forma de vida do lugar, principalmente com a presença e a convivência de grupos tão diferentes, delineados entre “nativos” e “não-nativos”. Desta forma, este trabalho busca os significados relacionados ao que esteja constituído como turismo, tanto no nível do discurso, quanto no nível das práticas e das relações sociais instituídas na Ilha Grande. Os discursos, práticas e relações refletem as diversas visões a propósito do “turismo que se tem e do turismo que se quer” para a Ilha Grande, em especial para a Vila do Abraão.

Palavras-chaves:

Ilha Grande; Vila do Abraão; explosão do turismo; nativos; não-nativos

Introdução

A Ilha Grande (Angra dos Reis – RJ) é um dos maiores patrimônios naturais do Estado do Rio de Janeiro que apresenta dois acontecimentos que marcam a história recente da Vila do Abraão – a intensificação do fluxo turístico após a implosão do Instituto Penal Cândido Mendes (1994) e a instituição de leis ambientais com a criação de três unidades de conservação da natureza: o Parque Estadual da Ilha Grande – PEIG (1971), a Reserva Biológica da Praia do Sul (1981) e a Área de Proteção Ambiental de Tamoios - APA de Tamoios (1982). Por esta razão, a “questão ambiental” e “o turismo” são elementos que marcam a história local e intervêm na forma de vida do lugar e dividem a história em antes e depois do turismo e antes e depois da chegada das unidades de conservação da natureza.

¹Trabalho apresentado ao “GT- 10 Turismo, antropologia e inovação” do V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul, 27 e 28 de junho de 2008.

² Mestre em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social pelo Programa EICOS/IP/UFRRJ. Aluna do curso de doutorado do programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPCIS/UERJ), com ênfase em Antropologia.

Desta forma, a Ilha é referida pela população e por diversos segmentos externos como um “paraíso ecológico” a ser preservado, ao mesmo tempo em que é alvo de intensa visitação de turistas. A imagem do paraíso é motivada pela campanha realizada para eleição das Sete Maravilhas do Estado do Rio de Janeiro, promovida pelo Jornal O Globo em 2007. Esta campanha teve como resultado a eleição da Ilha Grande como a “segunda maravilha do Estado do Rio de Janeiro”, liderada pelo Pão de Açúcar e seguida pelo Jardim Botânico, Praia de Copacabana, Museu Imperial, Teatro Municipal e Aterro do Flamengo. Campanha destacada por alguns moradores e empreendedores como responsável pelo aumento do fluxo de visitantes para a Ilha.

Segundo Prado (2003), com a “explosão” do turismo, surge no local a idéia de “invasão” que se manifesta por parte daqueles que se sentem como “do lugar”, por oposição aos outros que vêm chegando e se instalando em função do turismo. Isto retrata uma característica estrutural da vida local, que é a presença e a convivência de grupos tão diferentes, delineados entre “nativos” e “não-nativos”.

O presente trabalho, resultado de quatorze meses de pesquisa de campo na Ilha Grande, “região” escolhida como estudo de caso para desenvolvimento de minha tese de doutorado, com períodos de estada periódicos e participação em vários fóruns comunitários para elaboração do Plano Diretor da Ilha Grande³ e para a elaboração do Plano de Manejo do Parque Estadual da Ilha Grande, busca os significados relacionados ao que esteja constituído como turismo, tanto no nível do discurso e das representações, quanto no nível das práticas e das relações sociais instituídas na Ilha Grande. Os discurso, as relações e as práticas refletem as diversas visões a propósito do “turismo que se tem e do turismo que se quer” para a “região”, em especial para a Vila do Abraão. Me apropriado da palavra “região” ao me referir ao local de pesquisa de campo, tendo como referência, neste trabalho, a perspectiva de Tim Ingold (2005, p. 1): “...os lugares não tem posições e sim histórias. Unidos pelos itinerários de seus habitantes, os lugares existem não no espaço, mas como nós, em uma matriz de movimento. Chamarei esta matriz de “região”.

³ A prefeitura Municipal de Angra dos Reis (RJ) decidiu, estrategicamente, durante o processo revisão do Plano Diretor do município, realizar ações específicas para desenvolvimento do Plano Diretor da Ilha Grande, por considerá-la um lugar com características diferenciadas das demais localidades de Angra dos Reis. Estas ações terão como produto final o documento denominado de “Lei de Diretrizes para a Ilha Grande, complementares ao Plano Diretor de Angra dos Reis.

A explosão do Turismo no “paraíso” Ilha Grande

A ascensão do turismo na região de Angra dos Reis se inicia com a construção da estrada Rio–Santos (aberta em 1974) e com sua pavimentação, na década de 1980, o que proporcionou rápido acesso à região que liga o Rio de Janeiro a São Paulo (Luchiari, 1997 *apud* WUNDER 2006). Com a desativação do Instituto Penal Cândido Mendes (1940 – 1994) na Vila Dois Rios, a Ilha Grande começou a tornar-se gradualmente em destino turístico muito procurado. A partir de então, para atender ao crescimento da visitação, ergueram-se inúmeros empreendimentos turísticos, sem que esse processo tenha sido realizado com qualquer planejamento. Ou seja, no plano das ações constata-se o prevalecimento dos interesses imediatistas do setor privado (EQUIPE IVT, 2004).

A “explosão” do turismo na Ilha grande se caracteriza, então, pelo fenômeno de turismo de massa característico do século XX, inserido dentro de uma relação de produção e consumo, descrito por Urry (1999, p.66) como “uma ilusão que destrói os próprios lugares visitados.” Pois segundo o autor, este fato acontece porque o espaço geográfico é uma fonte estritamente limitada. Desta forma, o crescimento do turismo na Ilha Grande leva à reflexão sobre os impactos provocados pela atividade turística sobre o local. É, neste caso, importante refletir sobre a valorização do espaço, promovida pelo turismo. Valorização que tem favorecido a reapropriação do espaço pelos setores economicamente privilegiados da sociedade: classes altas e empreendimentos comerciais (BARRETTO, 2000). Esta realidade também é apresentada por Luchiari (2000), pois a construção de espaços turísticos tem favorecido a formação de uma nova elite local, a intensificação da especulação imobiliária e uma revalorização seletiva do uso do solo urbano, no caso da Vila do Abrão.

A Ilha Grande apresenta reflexos em várias localidades em relação à chegada do Turismo. Constata-se um confronto de saberes e lógicas, uma ruptura com os modos anteriores de vida, pesqueira, o que significou a imposição de uma outra lógica na dinâmica socioambiental e cultural, atravessados por uma nova lógica econômica, ditada pela introdução do turismo (PRADO, 2003a).

Dentro desta perspectiva se insere a pesquisa no campo da Antropologia do Turismo que tem se orientado pelas questões dos efeitos que esta atividade tem provocado sobre o local em que se insere e se estabelece. Ou seja, tendo com referência

os prejuízos e benefícios advindos do turismo sobre as comunidades receptoras, como esta atividade interfere na produção da vida local (BANDUCCI JR., 2002). Elejo, no entanto, a estrutura narrativa delineada por Steil (2004, p. 2) em que os estudos etnográficos sobre turismo

se apresentam como uma reinvenção da tradição, o passado já não aparece tão glorioso nem tão idealizado e o futuro está aberto, de forma que vai depender fundamentalmente de como os nativos e os turistas vão lidar com os ganhos e perdas que esse encontro aciona.

Turismo na Vila do Abraão, “a alma do lugar”

A Vila do Abraão é o principal porto da Ilha Grande, considerada a capital da Ilha. Local que oferece a melhor infra-estrutura, onde está instalada a maioria das pousadas e do comércio e o ponto de partida para conhecer outras localidades da Ilha. No Abraão, são reconhecidas de forma mais explícita o que se denomina a “explosão do turismo”. O que alguns consideram como um Abraão “literalmente detonado” (PRADO, 2005), com as seguintes características identificadas por Rosane (2003b) e pelo diagnóstico desenvolvido pela equipe do Projeto Turismo Inclusivo (LTDS/COPPE/UFRJ, 2004b): é a mais populosa, com o maior grau de ocupação; apresenta população diferenciada; é a localidade mais exposta ao turismo, sendo considerada cosmopolita; parece um grande comércio “desvairado”; parece uma agência imobiliária (aluguéis de casas, *campings*, diárias pousadas); parece um canteiro de obras.

Estes elementos são constatados em pesquisa de campo, além do aumento da população, o que resulta em um crescimento desordenado da Vila, caracterizado por muitos como a “favelização” do lugar. Segundo informações passadas pela responsável pelos agentes comunitários do posto de saúde do Abraão (fevereiro 2008) existem no Abraão entre 2500 e 3000 moradores, podendo até mesmo haver um pouco mais. Estes dados variam por causa da população flutuante.

Atualmente, constata-se um grande fluxo migratório para a Vila do Abraão, em busca de alternativas de emprego e renda, motivadas pelo turismo. Existe um déficit habitacional para atender tanto aos atuais moradores (aos filhos que casam e querem ter sua casa), como para atender ao fluxo de migração. Os moradores se impressionam, principalmente, com a chegada de pessoas originárias da Bahia e da Paraíba⁴ que

⁴Grande parte dos entrevistados fala da origem de baianos e paraibanos, porém alguns declararam a vinda de sergipanos e mineiros para a Ilha e já constatei em pesquisa a presença de pernambucanos.

permanecem ali trabalhando em frentes diversas, em situações referidas por um morador como de “trabalho bruto”.

O aumento do número de moradores e do fluxo advindo do turismo transforma o lugar do ponto de vista paisagístico e traz problemas ambientais como a poluição dos rios e conseqüente poluição do mar, conforme declaração de alguns moradores em entrevistas realizadas no período de 22 a 25 de janeiro de 2008: “Antigamente a água era clara, clara mesmo. Subia na ponte e pescava.” “Os rios tinham peixe e camarão, a tainha entrava para desovar aqui dentro.” A tranqüilidade do lugar é lembrada com saudosismo; segundo relatos a Ilha – equacionada com o Abraão, como é comum ocorrer na fala das pessoas em todas as praias – só enchia em período de Carnaval: “Na Ilha antiga, nós nos reuníamos, conhecíamos todos, dormíamos na praia.” Da mesma forma o forró, momento de lazer para moradores e visitantes é um outro elemento de saudosismo e reclamação, não apenas dos mais velhos, mas também dos mais jovens: “O forró na Ilha acabou!... Os vizinhos reclamam.” Ou seja., os donos de pousada reclamam do barulho provocado pelos encontros proporcionados pelo forró. Para uma moradora a causa do fim do forró não pode ser justificada pelo turismo, mas sim pela falta de planejamento.

Nesse sentido é que o Abraão já é o exemplo do que ninguém quer que aconteça nas demais comunidades (PRADO, 2003a). Esta afirmativa é confirmada pelas declarações dos moradores de diversas comunidades durante as reuniões realizadas para elaboração do Plano Diretor da Ilha Grande iniciadas em maio de 2007. Nas reuniões públicas, realizadas pela Prefeitura Municipal de Angra dos Reis -PMAR em diversas comunidades, fica explicitado que as demais comunidades da Ilha não desejam “se transformar em um Abraão”, da mesma forma que se diz que o Abraão não deseja “se transformar em uma Angra dos Reis”.

A Vila do Abraão tem uma população que vive direta ou indiretamente do turismo, do comércio e do serviço público como atividade econômica. Segundo Mello (1997) levantamentos realizados pelo Projeto Ilha Grande (1992) no Abraão, demonstraram que parte da população ficou desempregada por falta das fontes de renda oriundas de atividades como a agricultura, pesca, fábrica de sardinhas e estaleiro, se distribuindo nos últimos anos principalmente em empregos gerados pelo turismo e pelo serviço público. Esta característica se mantém até hoje. Apesar de a pesca já ter sido a principal fonte de renda dos moradores da Vila do Abraão, atualmente poucas famílias

vivem desta atividade econômica. Segundo relatos, apenas alguns moradores, a maioria aposentados, realizam a pesca artesanal para venda à população e comércio local, como fonte de renda complementar.

A valorização do turismo sobre a atividade pesqueira é bem ilustrada pela declaração de alguns moradores entrevistados período de 22 a 25 de janeiro de 2008, como Ana Lúcia⁵, proprietária de uma pousada:

Só quem não tem a menor idéia do que é a pesca artesanal pode ser tolo a ponto de achar que alguém ganha dinheiro com o turismo vai voltar para a pesca tradicional. Meu avô foi pescador, vida safada, acordava às 4 horas da manhã,[...] alcoolismo. É uma vida muito dura.

E continua:

O cara que tem um quintal na Ilha Grande constrói um quartinho ganha mil reais em 4 dias de Carnaval. Você acha que vai querer pegar o barco dele acordar 4 horas da manhã? Um frio do caramba. Puxar rede para pegar meia dúzia de peixe e levar para Angra e vender barato... A pesca tradicional esta com os dias contados na Ilha.

Sr. Francisco, ex-pescador e morador nativo da Ilha, ilustra o tema:

Houve um número muito grande de pescador [...]. Está na época de diminuição de uma coisa e crescimento de outras. Cresceu o turismo. O forte da Ilha Grande era o peixe, agora é e o turismo. Você já viu a quantidade de barco que está no turismo? Estes barcos eram de pesca. Por que parou a pesca? Num barco de pesca trabalhavam com até 23 pessoas, vamos dizer em um barco daquele, 23 tripulantes. Hoje o mesmo barco trabalha com três...

Outro bom exemplo sobre a valorização do turismo é ilustrado por Rafael, há 16 anos na Ilha Grande, ao atender ao pedido da diretora da escola para convencer a um aluno a voltar a estudar:

Eu vim falar contigo para voltar a estudar[...] Ele foi e me fuzilou. Professor, quanto é que o senhor ganha por mês? Por que você quer saber? Porque eu ganho R\$ 100,00 por dia (Trabalhando em barco). Dá para mim voltar a estudar?! Perguntei: Tem uma vaga neste barco? Ganha isto no verão, fora do verão não é tanto...

A grande importância do turismo para a Vila do Abraão é validada em Moradores do Abraão reunidos, durante a Primeira Reunião no Abraão com a Secretaria de Meio Ambiente e Desenvolvimento Urbano da Prefeitura Municipal de Angra dos Reis - PMAR para Revisão do Plano Diretor da Ilha Grande, realizada em 13 de abril de 2007, declararam que atualmente não existe uma outra alternativa como fonte de trabalho e renda local além do turismo. Consideram, no entanto, que o atual modelo de turismo “é desigual e predatório” e que existe a necessidade de introduzir a população no processo

⁵ Todos os nomes apresentados neste trabalho são fictícios.

de qualificação profissional para atuar na área. Os relatos também revelam que o turismo é uma realidade, porém, que este se introduziu e se estabelece sem planejamento.

O turismo, então, é uma atividade considerada como “a alma da Ilha Grande” por Francisco, nativo da Ilha. Este mesmo morador declara que: “o que o peixe era para o pescador, hoje é o turista [...] Se não tem o turismo hoje na Ilha, acabou a Ilha. Enquanto o sol tá bonito, feriado, a Ilha está “assim”. Tempo de chuva, a Ilha fecha os braços.”

Sr. Péricles, morador nativo declara que:

O turismo, acho que está indo de vento e poupa. Vejo muita gente que chegou aqui que não tinha nada e agora está cheio de dinheiro. Tinha um agente penitenciário que trabalhava comigo aqui começou com 2 quartinhos agora tem uma das melhores pousadas daqui. Agora parece um trem. E eu não tenho nada.

Estes últimos relatos e constatações remetem a reflexões levantadas por Krippendorff (1989), ao problematizar a tendência de alguns lugares transformarem o turismo em uma monocultura, o que ele considera tendência muito perigosa e nefasta ao lugar.

Apesar do turismo ser uma realidade, alguns segmentos questionam esta atividade na Ilha. Este fato é revelado em entrevista realizada com Ana Lúcia. Ana Lúcia fica muito irritada com uma pergunta feita por um pesquisador da UERJ: “Será que o turismo é uma boa opção para a Ilha Grande, para o Abraão?” Ela segue com suas considerações:

Esta pergunta está atrasada, o presídio já implodiu em 94, está há uns 10, 12 anos atrasada. A pergunta para o Abraão não é se o turismo é bom. É como transformar o turismo em algo bom, pois o turismo já está instalado [...] Você pode fazer esta pergunta no Saco do Céu,... Longa,... Aventureiro, Provetá⁶. Ainda cabe ali [...] Olha gente o turismo no Abraão não tem mais como reverter [...] Meus Deus...

Pedro Paulo, proprietário de uma pousada, continua com as considerações: “Esta pergunta se configura em uma irresponsabilidade muito grande com os moradores que vivem do turismo aqui.”

Márcia, dona de uma operadora de turismo, há cerca de 2 anos na Ilha, declara a marginalização do turismo pelos ambientalistas⁷ e aproveita para comentar sobre uma mensagem recebida por e-mail: “Vamos nos organizar porque vem aí alta temporada. E aí vocês já sabem, vai acabar com tudo...” E ela responde à provocação: “Aí também

⁶ Em algumas praias da Ilha o turismo ainda não chegou de forma avassaladora como no Abraão. Ainda se encontram em fase de recebimento de fluxos bem reduzidos de visitantes.

⁷ Pessoas ligadas aos órgãos ambientais como o IEF, alguns pesquisadores da UERJ, biólogos...

acho. Vamos nos juntar porque o turismo é fato. Não podemos virar a cara para ele. Melhor nos organizarmos e olhar de frente. Há o turismo que depreda... Mas vai se viver do que aqui?”

Segundo a estimativa da TURISANGRA - Fundação de Turismo de Angra dos Reis, entraram na Ilha Grande cerca de 330.000 turistas em 2007, conforme registrado no documento “Caracterização e Dimensionamento do Setor Turístico no Município de Angra dos Reis – 2007” (PMAR/TURISANGRA, 2007). Levando em consideração que a Vila do Abraão é o portão de entrada da Ilha e que a maior parte destes turistas permanece⁸ ou passa pelo Abraão, constata-se que, principalmente em período de alta temporada, é ultrapassada a “capacidade de suporte” da infra-estrutura da Vila do Abraão. Nos últimos anos o crescimento do turismo e a urbanização da Vila do Abraão têm se intensificado. Conforme relato de Helena, moradora nativa: “Falta pão, falta água, sobra lixo e esgoto”. Além deste fato, ela declara que “os moradores sobram nas barcas no período dos grandes eventos”.

Constata-se um aumento do número de estabelecimentos comerciais voltados ao atendimento ao turista. Segundo Mello (1997), conforme as informações levantadas pela FLUMITUR (atual Turisrio – Companhia de Turismo do Estado do Rio de Janeiro) em 1988, foram registrados no Abraão, 2 hotéis, 2 “pousadas”, 2 *campings* e 1 restaurante. Em 2007, segundo um membro da Associação dos meios de Hospedagem da Ilha Grande - AMHIG existem cerca de 100 pousadas legalizadas. No site Ilha Grande.Org (2007) estão registrados: 15 *campings*, 8 casas para aluguel e 82 pousadas.

Segundo Wunder (2006), após uma década de crescimento não-planejado do turismo, alguns interesses contraditórios se desenvolveram em torno do turismo na Ilha Grande, em particular do Abraão: “A disputa principal envolve proprietários de pousadas e seus sofisticados turistas, por um lado, e os proprietários de terrenos de *camping* e seus mochileiros, por outro.” Segundo ele, os grupos mais articulados, os donos de pousadas, com mais influência ganhou o apoio dos “ambientalistas” (autoridades do parque, ONGs e consultores) preocupados com os perigos da degradação da ilha. Para Wunder, o grupo

⁸ Conforme dados do MPE/FUNBIO (2002), em 2002 a grande maioria (67%) dos quase 3 mil leitos ofertados (67 pousadas, ou seja, 1895 leitos) na Ilha Grande para os turistas se encontravam na Vila do Abraão e o resto era distribuído entre 8 outras vilas. Foram também inventariados algumas casas e suítes na Vila do Abraão e registrando um número de 786 leitos (foram inventariados cerca de 70% do total). Em relato de pessoa ligada ao turismo (fevereiro 2008), atualmente, na Vila do Abraão existem entre 100 e 120 pousadas registradas, além das pousada “clandestinas”, aluguel de suítes e *camping*.

que apóia o turismo de baixo gasto é pequeno no Abraão, mas prevalece em outros lugares como na Vila do Aventureiro. Os relatos de alguns empreendedores locais e de alguns representantes de entidades ligadas ao turismo (em 2007), continuam ratificando a visão delineada por Wunder, onde busca-se “qualificar o turista” que visita o Abraão, descartando a possibilidade de receber os que alguns deles denominam de “duristas”.

Este fato é constatado em pesquisa de campo em 01 de fevereiro de 2007, através de uma conversa informal com Sérgio Campos. Ele se apresenta como presidente de uma entidade que representa vários setores ligados ao turismo na Ilha Grande, que segundo ele, é a instituição responsável por “colocar ordem no turismo da Ilha” e pelo fortalecimento das empresas turísticas da Ilha. O papo segue com Sérgio tendo como tema o perfil do turista que a “Ilha deseja”, que segundo seu ponto de vista: “É inconcebível ter o “durista”, aquele que não tem dinheiro, nem mesmo para pagar um *camping*, já que na Ilha são oferecidos todos s tipos de meios de hospedagem, da pousada mais sofisticada até o *camping*...”

O discurso de Sérgio Campos se repete em encontro realizado pelo IEF no Centro de Estudos Ambientais e Desenvolvimento Sustentável (CEADS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em Dois Rios, no dia 09 de maio de 2007. Intitulo o discurso como “O turismo é para quem pode e não para quem quer”. Ele exemplifica que turismo para pobre é Ilha de Paquetá⁹, Jardim Zoológico e Piscinão de Ramos. No entanto, para os demais turistas, o turismo é Wet’n Wild, Fernando de Noronha, Disney e Europa:

Na ilha queremos turistas e não “duristas”, que levam isopor, fritam bolinhos no fogão na praia, cagam e sujam as praias. Nos Estados Unidos da América e na Europa, em várias praias são cobradas taxas para freqüentarem. Quando saem tudo fica limpinho.

O “durista” é classificado por ele como gente feia: “A população pobre fez da Praia de Copacabana uma sujeira, uma favela. Queremos aumentar o preço da barca, porém não prejudicar uma parte da população interessada em visitar a Ilha.” Mas para ele a Ilha não precisa de um turista que paga R\$ 4,00 na barca e não pode nem mesmo pagar três notas de R\$ 10,00 para pagar uma diária em algum meio de hospedagem. E cotinua, então, seu discurso:

⁹ A Ilha de Paquetá está localizada na Baía de Guanabara (Cidade do Rio de Janeiro) e tem como perfil de visitaçao caracterizado por visitantes de baixa renda. Grupo de famílias e amigos que vão à Ilha para fazer piquenique e que permanecem no lugar por apenas 1 dia.

Os “duristas” carregam uma garrafa de água e um saco de biscoito e ficam dois dias com isto sem gastar. Com cruzeiros marítimos conseguimos o *day use*¹⁰. Mineiros e paulistas que descem com dinheiro e gastam com táxi-boat, restaurantes e passeios. Qual é o turista que a ilha quer?

Em contraponto a disputa delineada por Wunder (2006) entre os pousadeiros e proprietários de *camping*, o que se destaca, atualmente no Abraão, é a grande quantidade de construções de suítes nos quintais das casas dos moradores e a sua oferta para turistas. É importante destacar que alguns serviços estão situados e sendo prestados em área e residências localizadas na área do Parque Estadual da Ilha Grande. Por esta razão, atualmente, constato uma “disputa” entre os donos de pousadas e os moradores que têm construído kitinetes em seus quintais para alugar por temporada. Estes últimos são considerados como não qualificados, pois geralmente oferecem ambientes precários e sem uma prestação de serviço adequada. Da mesma forma presencio uma indignação dos empreendedores de pousadas com os moradores que moram na área do Parque Estadual da Ilha Grande, em propriedades do Estado, no entanto alugam quartos e kitinetes para os visitantes. Esta ação é tida como “ilegal”. O que para muitos também representam uma concorrência desonesta, pois não pagam impostos, desta forma cobram o preço das diárias muito abaixo do que o oferecido pelas pousadas, conforme relatos anteriores.

Este fato, também, é destacado em entrevista com Ana Lúcia:

Agente não pode mais pensar no turismo da Ilha Grande só em termos de pousada porque tem um segmento enorme da população que tem terrenos enormes. Os caras constroem um quartinho. Isto é irreversível. Isso é como perguntar se turismo é bom para a Ilha Grande [...] O cara do quartinho existe. No Abraão deve ter mais de 100 desse tipo. São pessoas pobres, humildes. Vou chegar e falar pro morador que vou destruir o quartinho do cara?

A entrevistada sugere, então, que deve “...criar uma nova hospedagem, novo modelo e trazer para legalidade. Seu quartinho tem que ter uma janelinha...”

Sobre o perfil dos empreendimentos hoteleiros da Ilha Grande surgem algumas discussões, gostaria de destacar a reunião do Núcleo Gestor¹¹ do Plano Diretor da Ilha Grande, reunido em 12 de julho de 2007 em Angra dos Reis que teve como ponto

¹⁰ *Day-use* é um termo técnico utilizado no turismo que significa um dia de utilização dos serviços turísticos em um determinado lugar, geralmente em um hotel. Ou seja, um dia de uso.

¹¹ O Núcleo Gestor é composto por representantes de instituições públicas municipais, estaduais e federais, universidades, organizações não governamentais (ongs), diversas associações de moradores da Ilha, empresários, representantes dos trabalhadores, entre outros. Este é um órgão colegiado, criado por decreto municipal (Decreto 5298 de 18 de maio de 2007), de caráter consultivo, que tem como finalidade acompanhar os trabalhos de revisão do Plano Diretor Municipal da Ilha Grande.

principal a apresentação das “demandas comunitárias para construção do Plano Diretor da Ilha Grande”. Discussão que certamente ilustra as várias visões do turismo que se tem e do turismo que se quer. Silvio, um grande empresário, proprietário de casa em uma praia na Ilha Grande, diz que se preocupa com o termo inibição de grandes empreendimentos. Para ele um empreendimento hoteleiro com apenas três quartos é economicamente inviável, pois esta premissa é como “...dá um tiro no próprio pé, pois os empreendimentos têm que ser sustentáveis.” Um representante do Conselho de Urbanismo responde: “Agente não é contra os grandes empreendimentos, desde que existam critérios para condicioná-los, regulamentá-los.”

Kleber, morador de Jaconema (Ilha Grande) relata que:

Quando se fala de grandes empreendimentos me remeto ao Blue Tree Park¹². Geralmente eles descaracterizam o lugar, demandam mão de obra externa, não aproveitam a mão de obra local. O Blue Tree descaracterizou o lugar. Esta é a preocupação da Ilha, ainda mais porque têm limites¹³!”

Neste cenário de impasses, conflitos, ambigüidades, diversidades de visões é descrito por Prado (2003b), surge no local a idéia de “invasão” manifestada por aqueles que se sentem como “do lugar”, por oposição aos outros que chegam e permanecem principalmente em função do turismo. Isto revela uma característica da vida local, que é a presença e a convivência de grupos e atores sociais tão diferentes, com interesses tão diversos; ou como outra característica estrutural, delineada entre “nativos” e “não-nativos”. O olhar sobre esta idéia de “invasão” é bem exemplificado por Prado (2003a) em relatos da pesquisa de campo com os moradores: "o cara de fora não pode chegar aqui e ficar querendo ditar regra (...) chegar aqui e querer mandar em tudo - igual os PM's faziam (ao se referenciar ao tempo do Presídio); o povo toma isso como uma coisa contra ele". Outro morador diz que: "a gente pode escolher: ser empregado do empresário de turismo; ou ser empregado do empresário de turismo".

Essa disputa entre “nativos” e “não nativos” é ilustrada por Pedro Paulo:

Peraí...Ora, não é um morador nativo. O que é considerado um morador nativo? É Quem não vive de aluguel Não é quem ta lá há mais de 15 anos? Há 20 anos a população local era bem maior do que hoje em dia. A Ilha Grande era muito mais inchada do que é hoje. Houve uma saída muito grande da Ilha Grande após a sardinha e após o presidio...

Continua ilustrando sua posição:

¹² O Blue Tree Park Eco Resort Angra dos Reis é considerado o empreendimento turístico mais luxuoso de Angra dos Reis com 319 apartamentos.

¹³ Estes limites se referem às características físicas e da utilização dos recursos naturais da Ilha, assim como os limites impostos pelas leis ambientais.

Morador para mim é quem mora, tem sua residência fixa que vive no lugar e vive do lugar. Porque tem muita gente que é veranista e não vive aqui na Ilha Grande. Estes são os com que menos me preocupo. Agora quem está morando na Ilha Grande e tem sua casa aqui e vive no lugar porque não tem outra alternativa...

Considerações finais

Ao buscar os significados relacionados ao que esteja constituído como turismo, tanto no nível do discurso e das representações, quanto no nível das práticas e das relações sociais instituídas na Ilha Grande e a partir daí tentar revelar nos discursos, nas relações e nas práticas as diversas visões a propósito do “turismo que se tem e do turismo que se quer” para a Vila do Abraão, busco nos relatos escolhidos destacar as discussões sobre este tema relevante na Ilha Grande.

O turismo surge de forma explícita como a grande vocação econômica da Ilha, quem sabe como uma monocultura, e a principal alternativa de emprego e renda para grande parte dos moradores da Vila do Abraão. Ao turismo, desta forma, é atribuída a responsabilidade pela geração de emprego e renda e pela chegada da “sofisticação”, mas também pela falta de tranquilidade; pelo excesso de pessoas; pelo comprometimento da infra-estrutura ofertada (água, esgoto, lixo etc.); pelo crescimento urbano desordenado; pela chegada da droga; pelo fim do forró; pela migração diversas pessoas principalmente de nordestinos e pelo elevado custo de vida do lugar.

Minha experiência de campo, valida as impressões de Prado sobre o assédio à Ilha Grande, em que se institui uma grande e explícita disputa dos atores presentes, sejam eles: moradores nativos, moradores muito antigos, novos moradores, veranistas, visitantes, os pequenos proprietários de terra, os grandes proprietários de terras, o poder público municipal, o poder público estadual, as ongs, órgãos públicos ambientais, universidades, que segundo Prado estão mobilizados em torno de um propósito – “salvar a Ilha”. O que se destaca nesta luta pelo poder são as diferentes razões pelas quais estes diversos atores desejam salvar a Ilha. Prado então questiona. Salvar a Ilha por que, para que e para quem? Nas reuniões das quais participei, esta é uma questão crucial. Quais são as reais intenções de cada um destes atores discutindo sobre o futuro da Ilha e a melhor forma de ordená-la e geri-la?

Constatam-se, duas vertentes sobre o modelo de desenvolvimento do turismo desejável para a Ilha. Um modelo que ainda está centrado numa lógica hegemônica do turismo de massa. Lógica representada pelos grandes empreendimentos, de grande

impacto sobre o meio ambiente, em que os maiores beneficiados são os grande empresários, os mais qualificados, muitas vezes com a utilização de mão de obra externa. A outra visão é a busca pela maior participação dos moradores locais nesta atividade, não apenas no subemprego, mas também como pequenos empreendedores. Um modelo que vê no pequeno empreendimento uma alternativa de geração de emprego e renda para a comunidade local, assim como aquele que melhor se adequa aos limites sócio-ambientais da Ilha. A visão de um novo modelo de desenvolvimento para a Ilha, que inclui como foco principal o turismo, está bem expressa na declaração de Richard, morador de Araçatiba e conversa no intervalo da reunião de 17 de setembro:

... a ilha não pode plantar mandioca, fazer farinha, plantar banana, pescar. Não pode comer peixe com banana..¹⁴ [...] **Tudo na Ilha pode acontecer desde que o povo seja sócio e ganhe dinheiro.**

A escolha da Vila de Abraão para reflexão é um desafio. Me imagino estar sendo inserida em uma “Torre de Babel”, com atores tão díspares. A reflexão propõe tentar responder o tema problematizado por Rosane (2003b), no momento que percebe que as soluções para as questões do turismo são parte de uma configuração em que vários atores sociais estão em disputa, e que as razões apresentadas pela “questão turismo” sobre a vida dos nativos, traduzidos em planos diversos, parecem como “invasoras” na visão destes. Atores sociais em disputa por um lugar, por um benefício direto ou indireto no que eles vislumbam como a “única” alternativa para geração de emprego e renda, o turismo.

Constato que tenho vivenciado uma “Ilha Grande” dividida em diversas “outras ilhas”. Uma região identificada pelas várias comunidades distintas (enseadas) que conformam o chamado “Paraíso ecológico”. A Ilha Grande não deve ser vista como “a Ilha homogênea”, mas sim como várias construções históricas, sociais e culturais que conformam organizações socioculturais, político-econômicas tão diversas nesta região. O que percebo é que mesmo que o meu campo de pesquisa seja a Vila do Abraão, devo considerar que esta região também é heterogênea.

Ter a Vila do Abraão como campo de reflexão e o turismo como foco é buscar examinar pequenos fatos e suas relações e compreender as estruturas sociais que sustentam o local, conforme citado por Mills (1969). É importante compreender,

¹⁴ O relato expressa os conflitos ambientais que surgem pelas leis que regem a Ilha Grande. Exige-se limites e restrições para local de construção das casas, tipos de construção, limites para plantação. Em algumas áreas nem mesmo a agricultura de subsistência é permitida.

também, como cita Barth (2002, p. 137-138) que os atores sociais estão posicionados em determinado contexto:

em virtude de um padrão singular formado pela reunião, nessa pessoa, de partes de diversas correntes culturais, bem como em função de suas experiências particulares,...] A noção de posicionamento oferece uma maneira de juntar novamente o que nós desmontamos e de relacionar as pessoas às múltiplas tradições que elas adotam e que as impulsionam.

Tendo como referência Prado (2003b), ao analisar o caso da Vila do Abraão, em que registra duas categorias claras: nativos e não-nativos, delineadas principalmente pela chegada do turismo; parece que a chegada de novos moradores atraídos pelo turismo, pode ter representado uma ameaça ao estilo de vida em comum, ao conjunto de normas presentes e a certos padrões dos quais os antigos moradores se orgulhavam. Devido esta reflexão me remeto ao caso de Winston Pava (Inglaterra), pesquisado por Elias e Scotson (2000). No caso de Winston Pava, é apresentada a clara divisão entre os estabelecidos, moradores antigos (há três gerações) e os novos moradores, denominados pelo estabelecidos de *outsiders*: “o fluxo de recém-chegados a seu bairro era sentido como uma ameaça a seu estilo de vida já estabelecido, embora os recém-chegados fossem seus compatriotas” (ELIAS e SCOTSON, 2000, p. 25).

Será que foi isto que aconteceu com a chegada de novos moradores ao Abraão? Uma ameaça aos modos de vidas, influenciados principalmente com a chegada do turismo e das leis ambientais. As declarações saudosas dos nativos (tranquilidade, com o forró, os blocos de carnavais, os rios e o mar limpos, as festas dos santos, etc.). Segundo Prado (2003b, p. 128), os nativos do Abraão “...reagem com um outro poder – com fortes repercussões simbólicas e práticas – que é o de se manterem impermeáveis ou resistentes às tentativas “civilizatórias” dos “de fora”.”

Dentre as “categorias” nativos e não-nativos, podemos verificar algumas outras classificações que podem ser delineadas, entre outras, como: os pousadeiros situados na parte plana do Abraão e os pousadeiros situados na parte mais altas; os moradores antigos e os novos moradores; os migrantes nordestinos e os migrantes do sul / sudeste; os pousadeiros e os moradores que ofertam kitinetes e quartos; os meios de hospedagem legais (fora da área do Estado) e os meios de hospedagens ilegais (dentro da área do Estado); a população tida como de atitude não ecológica e os órgãos públicos ambientais;

os que defendem o turismo de massa e empreendimento de grande porte e os que defendem o controle do fluxo turístico e empreendimento de pequeno e médio porte.

Enfim, cada uma destas “categorias” ou “classificações” apresentam uma visão do “turismo que se tem e do turismo que se quer” para o Abraão. Por esta razão, ter o turismo como foco em suas diversas “traduções” na Vila do Abraão, significa conhecer as construções culturais locais distintas, tendo como foco a interação sociocultural instituída no local, de acordo com a diversidade de visões e modos de vidas dos atores sociais que a conformam. A investigação do papel destes atores sociais, posicionados e em disputa, com diversificação de saberes e campos de ação, campos de conflito e poder, constitui-se, portanto, em elemento fundamental para a pesquisa no campo das Ciências Sociais.

Referências

- BANDUCCI Jr., Álvaro. Turismo e Antropologia no Brasil: estudo preliminar. In: **Turismo e identidade local: uma visão antropológica**. Campinas: Papyrus, 2001.
- BARRETTO, Margarita. As Ciências Sociais Aplicadas ao Turismo. In: SERRANO, Célia Maria de Toledo; BRUHNS, Heloisa Turini; LUCHIARI, Maria Tereza D.P. (Org.). **Olhares Contemporâneos sobre o Turismo**. Campinas: Papyrus, 2000. p. 17-36.
- BARTH, Frederik. A Análise das Culturas nas Sociedades Complexas. In: **O guru, iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2002.
- ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.
- EQUIPE IVT. **Programa de Promoção do Turismo Inclusivo na Ilha Grande, RJ**. 12ª Edição. Caderno Virtual de Turismo – LTDS/COPPE/UFRJ (Junho 2004).
- INGOLD, Tim. Jornada ao Longo de um Caminho de Vida – Mapas, descobridor-caminho e navegação” In: **Religião e Sociedade**. 2005. V. 25, n 1, (p. 76–110)
- KRIPENDORF, Jost. **Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.
- LTDS/COPPE/UFRJ. **Segunda Reunião de Trabalho: proposta e contribuições – Programa de Promoção de Turismo inclusivo na Ilha Grande**. Rio de Janeiro: LTDS/COPPE/UFRJ, 2004a.

_____. **Diagnóstico com vistas para a promoção do Turismo Inclusivo na Ilha Grande - Produto 2: Consolidação Dos Pré-Projetos.** Rio de Janeiro: LTDS/COPPE/UFRJ, agosto/2004b.

LUCHIARI, Maria Tereza D.P. (Orgs.). **Olhares Contemporâneos sobre o Turismo.** Campinas: Papyrus, 2000. p.105-130.

MELLO, Érika Alves de. **Turismo e Desenvolvimento Social na Vila do Abraão - Um Estudo Sobre a Modificação na Estrutura de Consumo,** 1997. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social). UFRJ, Rio de Janeiro, 1997

MILLS, W. *A Imaginação Sociológica.* Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

PMAR/TURISANGRA. **Caracterização e Dimensionamento do Setor Turístico no Município de Angra dos Reis – 2007.** 2007.

PRADO, Rosane. *Tensão no Paraíso: Aspectos da Intensificação do Turismo na Ilha Grande.* 7ª Edição. **Caderno Virtual de Turismo – LTDS/COPPE/UFRJ** (Março, 2003a).

_____. *As espécies exóticas somos nós: Reflexão a propósito do ecoturismo na Ilha Grande.* **Horizontes Antropológicos – Turismo, nº 20 ano 9,** Porto Alegre: UFRGS, 2003b.

_____. **“Ecologia e turismo na Ilha Grande”.** Projeto apresentado ao CNPQ referente a pedido de Bolsa CNPQ (Agosto 2005) - Depto. de Ciências Sociais - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas - UERJ

STEIL, C. **Antropologia do Turismo: comunidade e desterritorialização.** Recife: 22ª RBA, 2004.

URRY, J. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas.** São Paulo: Studio Nobel/SESC, 1999.

WUNDER, Seven. *Modelos de Turismo, florestas e rendas locais.* In: PRADO, Rosane (org.). **Ilha Grande: do sambaqui ao turismo.** Rio de Janeiro: Garamond/EDUERJ, 2006. p. 133-190.